

da escola: fala de seus problemas pessoais, seus sonhos, suas histórias de vida, suas lutas. Os alunos são apresentados coletivamente a partir de dados coletados em entrevistas feitas com quarenta e cinco crianças da escola.

É também na segunda parte que o autor descreve o cotidiano vivido nas salas de aulas. São relatadas as falhas, os problemas, os esforços de alguns, o desinteresse da maioria dos professores e da direção da escola. A perspectiva do relato, porém, é sempre a partir das ações dos professores. Os alunos, embora tenham sido arrolados como "atores" pelo pesquisador, parecem mais compor o cenário, suas ações se dão em um plano secundário e, na maioria das vezes, são usadas para a apresentação de atitudes singulares que ocorriam no cotidiano da escola.

A terceira parte do livro é o espaço que Domingues destina para a leitura crítica do que foi observado no acompanhamento diário das atividades da escola. Orientado para descobrir as contradições entre o currículo prescrito e a ação dos professores, Domingues levanta algumas questões, nomeadas de farsas. A primeira delas diz respeito à não-inclusão de matérias obrigatórias (quantidade). Das nove matérias prescritas pela legislação para serem desenvolvidas em salas de aulas, apenas duas — Comunicação e Expressão em Língua Portuguesa e Matemática — são apresentadas efetivamente. A segunda farsa, decorrente da primeira, relaciona-se com a baixa qualidade com que o conteúdo dessas duas matérias é desenvolvido. A terceira farsa diz respeito ao tempo, ou melhor, à perda de tempo, o que resulta em que, segundo os cálculos efetuados por Domingues, o aluno tenha efetivamente 65 dias letivos no semestre, com uma média de 1 hora e 40 minutos de atividades instrucionais por dia.

A procura de resposta faz com que Domingues passe a analisar o papel do professor na solução da maioria desses problemas e chegue ao final, na quarta parte do livro, à proposta de "uma agenda para ação". Nesta ação, o alerta final do curricu-

lista Domingues é de que não se pode fazer a "reconceptualização do currículo da escola de 1º grau", sem passar, obrigatoriamente, pelo estudo do cotidiano da sala de aula.

As Ciências Sociais na Escola

*Eloisa de Mattos Hofling**

NIDELCOFF, Maria Tereza. *As Ciências Sociais na Escola*. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1991.

Com formação em História, esta autora argentina tem se ocupado sistematicamente da metodologia de ensino das Ciências Sociais nas escolas de 1º e 2º graus. Em seu livro *A Escola e a Compreensão da Realidade* (São Paulo, Brasiliense, 1979), produz um "ensaio" da temática, dirigido especialmente às séries iniciais do 1º grau. Através de quatro subtemas: "Os homens de nossa localidade", "Os homens de nosso tempo", "Os homens de outros lugares", "Os homens de outros tempos", já coloca os grandes vetores do ensino na área de Ciências Humanas.

Neste livro, *As Ciências Sociais na Escola*, a autora dirige-se à faixa etária de 12 a 16 anos (aproximadamente da 6ª série ao 2º colegial em nosso sistema escolar), "etapa que marca o início do estudo formal das Ciências Sociais, a cargo de um docente especializado" (p. 7).

Nas unidades iniciais a autora coloca com muita lucidez a dificuldade do trabalho do professor em um momento tão complexo como este, em que as transformações sociais expõem com muita crueza o descompasso entre as expectativas dos pais e alunos e a instituição escola; em que, pelas

* Professora do Departamento de Metodologia de Ensino da Faculdade de Educação da UNICAMP.

condições de trabalho, o professor facilmente se distancia e até se antagoniza com seus alunos; em que as mudanças, nem sempre positivas, por que passa o sistema educacional refletem negativamente no trabalho docente; em que a escola, e especificamente o professor, são alvos de duras críticas por parte de diferentes setores da sociedade, inclusive aquele que se ocupa deles como objeto de estudo: os pesquisadores em Educação, pedagogos, técnicos etc.

Se em alguns momentos sentimos estar presente um certo romantismo nas proposições da autora em relação ao trabalho docente (“nós professores temos que [...] viver plenamente, explorar nossas possibilidades, ser plenamente seres vivos; [...] gostar dos alunos, querer vê-los felizes” etc. — pp. 17 e 18), sugerindo-nos reflexos da antiga preocupação com o “dom de ensinar”, a ênfase de suas proposições é o envolvimento efetivo do professor em seu trabalho, investindo na “criação de uma didática que surja de nós mesmos, que nos tire do processo de despersonalização em que nos encontramos e, acima de tudo, possa começar a ser aplicada agora, sem esperar que as coisas mudem para que possamos mudar” (p. 16).

Nidelcoff toma como suporte as proposições metodológicas da denominada “Pedagogia Ativa”, onde ela destaca a importância das contribuições de Celestin Freinet, o qual incorpora, em seu método, fatores sociais, culturais, históricos, econômicos e políticos como fundamentais no processo de desenvolvimento do indivíduo, superando as propostas da “Escola Nova”, centrada no desenvolvimento das capacidades individuais do sujeito.

São estes os princípios que norteiam a conceituação de “atividade educativa” e a seleção de atividades didáticas significativas para o ensino das Ciências Sociais na escola média, desenvolvidas pela autora nas unidades seguintes. Apresenta em minuciosos relatos o desenvolvimento de atividades como a interpretação de testemunhos, a elaboração de “livros” coletivos, o uso de poesia em classe, as monografias

desenvolvendo abordagens a partir da realidade mais imediata, relacionadas ao meio, objetivando o auto-conhecimento, a auto-expressão e a participação dos alunos em classe, sempre destacando os objetivos de cada uma delas.

Levando-se em conta as características de nossos cursos e de nossos alunos na mesma faixa etária, o livro é um valioso material de consulta para os que trabalham com o ensino das Ciências Sociais. E, como todo material de consulta, não deve ser entendido como um guia a ser aplicado exatamente como nos é apresentado, mas, sim, devem-se incorporar a ele aspectos concretos de nosso trabalho, para torná-lo significativo em nossa prática docente.

A maior contribuição deste livro de Nidelcoff não é exatamente nos trazer críticas, proposições, alternativas em relação ao trabalho pedagógico que não tenham sido ainda colocadas por educadores de nosso meio. Algumas das experiências didáticas relatadas já foram registradas por professores brasileiros atuando na área das Ciências Humanas; contudo, sempre é oportuna a sugestão de atividades que trazem algo enriquecedor, como é o fato de estarem inseridas em uma preocupação mais ampla com o ensino das Ciências Sociais, por parte de alguém que visivelmente gosta do seu trabalho, como é o caso deste livro e de sua autora, especialmente em um momento em que todos os esforços para revitalizar o ensino das Ciências Sociais no ensino médio são muito bem-vindos.

